

**O GÊNERO DISCURSO DE POSSE PELA ÓTICA
DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Felipe de Andrade Constancio (UERJ)

felipe.lettras.ac@gmail.com

Magda Bahia Schlee (UERJ)

magdabahiaschlee@gmail.com

RESUMO

Partindo do pressuposto de que a linguagem é um sistema sócio-semiótico e que, por conseguinte, é um sistema de significações, este trabalho revisita a abordagem teórica da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1976) e da Estrutura Potencial do Gênero (HASAN, 1989) para caracterizar o gênero discurso de posse da Academia Brasileira de Letras. Em linhas gerais, objetiva-se: a) recorrer à teoria da léxico-gramática, em que as escolhas do falante/escritor são potenciais para o entendimento da linguagem em situação de uso; b) compreender os conceitos de texto, contexto e gênero a partir da noção de construção da experiência humana em relação à linguagem. Dados iniciais revelam que o gênero discurso de posse pode ser caracterizado por meio dos contextos de situação e de cultura e, por essa razão, é organizado por estruturas retóricas de polidez.

Palavras-chave:

Linguagem. Léxico-gramática. Discurso de posse.

ABSTRACT

Based on the assumption that language is a socio-semiotic system and that, therefore, it is a system of meanings, this work is based on the theoretical approach of Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1976) and on the Potential Genre Structure (HASAN, 1989) in order to characterize the Academia Brasileira de Letras' inauguration speech genre. In general, the objective is to: a) resort to the lexical grammar theory, in which the choices of the speaker/writer are potential for understanding the language in use; b) to understand the concepts of text, context and genre from the notion of construction of human experience in relation to language. Initial data reveal that the inauguration speech genre can be characterized through the contexts of situation and culture, and, for this reason, it is organized by rhetorical structures of politeness.

Keywords:

Language. Inauguration speech. Lexical grammar.

1. Considerações iniciais

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o conceito de gênero segundo a perspectiva de Ruqayia Hasan (1989, p. 52-109), utilizando como *corpus* ilustrativo o gênero discurso de posse, mais especifi-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

camente o discurso de posse do cineasta Carlos Diegues, proferido na Academia Brasileira de Letras em 2019. A abordagem de gêneros da autora, para quem a linguagem é um sistema sócio-semiótico, está fortemente atrelada à Linguística Sistemico-Funcional (doravante LSF), preservando os preceitos fundamentais estabelecidos por Michael Halliday (1976, p. 134-60), diferindo, assim, de outras abordagens de gênero de base sistemico-funcional, como as da Escola de Sidney.

Nesse sentido, para a autora, “texto e contexto estão tão intimamente relacionados que nenhum desses conceitos pode ser enunciado sem o outro” (HASAN, 1989, p. 52). Confirma-se, assim, a ideia defendida por Halliday (1976, p. 136) de que a forma assumida pelo sistema gramatical de uma língua está intimamente relacionada às necessidades sociais e pessoais que ela é chamada a servir.

A opção pela abordagem de gênero de Hasan (1989, p. 52-109), neste trabalho, deve-se ao reconhecimento de que a representação esquemática do discurso por ela concebida oferece possibilidades relevantes de análise de eventos de interação humana, materializados em diferentes textos.

Embasado nesses pressupostos, este trabalho retoma, no primeiro item abaixo, as noções de texto, contexto e gênero. Neste tópico, são discutidas as concepções dessas três categorias segundo a LSF, considerando o *texto* como a forma material da relação social, o *contexto* como o conjunto de todos os fatores que dão forma ao texto no momento da manifestação simbólica da linguagem e o *gênero* como possível materialização de padrões textuais recorrentes (previsíveis, portanto, pelo contexto de situação). Dessa forma, as concepções de texto, contexto e gênero são essenciais à delimitação da abordagem léxico-gramatical da LSF.

No tópico em que são comparados o contexto de situação e o contexto de cultura, há uma oportuna discussão a respeito dos contextos que evocam significados (sem perder de vista que esses significados são materializados pela léxico-gramática). Retomando as nomenclaturas estabelecidas no seio da LSF, são retomadas as três variáveis do contexto de situação, a saber: a variável campo, a variável relação e a variável modo, que correspondem às três metafunções estabelecidas por Halliday (1976) – metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual –, respectivamente. Dessa forma, fica evidente a noção de que o contexto de situação motiva o uso da linguagem.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No terceiro tópico, recorre-se à teoria da Estrutura Potencial do Gênero (HASAN, 1989) para trazer à tona a discussão dos padrões textuais recorrentes. Nessa perspectiva, há que se considerarem as estruturas/materializações retóricas em contextos em que a linguagem se faz presente, o que torna os textos exemplos potenciais de gêneros específicos, uma vez que os contextos passam a mediar a configuração dos gêneros.

No último tópico, busca-se caracterizar o gênero discurso de posse circunscrito à Academia Brasileira de Letras (ABL). A escolha deste gênero para a discussão da Estrutura Potencial do Gênero não é gratuita uma vez que salienta particularidades retóricas relacionadas à polidez do discurso, tais como: os discursos de posse da ABL são restritos a um contexto bastante formal de uso da linguagem; esses discursos, como gênero planejado na escrita e transposto para a fala, exigem marcas de monitoramento da linguagem, o que, de certa forma, caracteriza o contexto de cultura em que a polidez discursiva é relevante.

2. *Texto, contexto e gênero*

Na perspectiva de Hasan (1989, p. 52-109), texto e contexto são conceitos tão intimamente relacionados que nenhum deles pode ser enunciado sem o outro. A autora revela, assim, seu forte vínculo com os pressupostos teóricos da LSF, ao considerar que contexto e texto se associam na construção dos sentidos do que é dito e escrito nas práticas de interação. Sob esse enfoque, os contextos realizam-se semanticamente nos textos, que, por sua vez, representam o aspecto material do uso da linguagem. E a linguagem, no que lhe concerne, caracteriza-se justamente por ser um sistema de significações, o que sinaliza a assunção das relações sociais como mediadora dos padrões do dizer (o que é dito, quando é dito e como é dito).

Dessa forma, Hasan (1989) entende o texto como sendo o potencial de significado realizado. Para ela, o texto pode ser definido de forma simples como “a linguagem que é funcional”, ou seja, a linguagem que está atuando em algum contexto de situação. E, na esteira dessa postulação, qualquer análise da linguagem deve, segundo a autora, obrigatoriamente examinar os fatores pertinentes aos contextos que envolvem os atos comunicativos (CLORAN, 2000, p. 53). Essa assunção teórica busca na perspectiva contextual a motivação para a produção dos significados porque passa a ver o texto a partir de uma perspectiva motivada.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Fica evidente, assim, que, Hasan (1989), respaldada pelos princípios da LSF, considera a noção de contexto fundamental no sentido de que as dimensões contextuais delimitam e influenciam o que é dito e como é dito, a intenção com que é dito, os papéis sociais assumidos pelos interactantes, dentre outros aspectos. E inversamente, os textos, por se configurarem como realizações semânticas dos contextos, permitem deduzirmos o contexto de sua produção (CABRAL; FUZER, 2014, p. 27).

Por esse viés, há dois tipos de contexto, a saber: o contexto de situação, considerado como o sistema “relevâncias motivadoras” para o uso da linguagem (HASAN, 1996, p. 37); e o contexto de cultura, caracterizado como um “sistema de experiências com significados compartilhados”, conforme salienta Motta-Roth (2005, p. 15).

Da emergência das concepções de texto e contexto, também surge a necessidade de delimitação do que seja gênero:

Ao adotar uma visão da linguagem como um processo social, Hasan utiliza a gramática sistêmica funcional para teorizar sobre o conceito de gênero. Assim, contexto e texto “integram-se no processo de significação, de organização e construção da experiência humana (HEBERLE, 2000, p. 297)” (*apud* MOTTA-ROTH, 2005, p. 15)

Valendo-se da Estrutura Potencial do Gênero, Hasan (1989) traz uma contribuição significativa a respeito de gênero, na medida em que, a partir dos contextos de situação e de cultura, é possível fazer previsões a respeito da configuração dos gêneros. Antes de passar à discussão sobre a Estrutura Potencial do Gênero, faz-se necessária uma incursão na perspectiva adotada pela LSF a respeito de contexto de situação e contexto de cultura.

3. Contexto de situação e contexto de cultura

A delimitação dos conceitos envolvidos entre texto e contexto é muito cara à LSF. Se os textos são instâncias comunicativas que materializam as ações na/pela linguagem, para esta teoria o contexto é uma questão fundante das relações estabelecidas nos níveis intralinguísticos e extralinguísticos, o que, de certa forma, potencializa a noção de que os textos tendem a portar, em sua organização, fatores relacionados ao contexto em que são produzidos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Retomando os pressupostos teóricos da teoria hallidayana, Gouveia (2009) assim se posiciona em relação aos contextos de situação e de cultura no seio da LSF:

A noção de contexto, quer na sua vertente situacional quer na sua vertente cultural, é extremamente importante na LSF, no sentido em que configura, no quadro de estratificação dos níveis de organização do sistema, a realização de níveis extralinguísticos em níveis linguísticos. (GOUVEIA, 2009, p. 25)

Gouveia (2009, p. 25) relaciona texto e contexto, a partir dos pressupostos hallidayanos, a fim de configurar a seguinte orientação: os textos são formas situadas de linguagem, em que podemos fazer previsões a respeito de condições situacionais de produção e também a respeito de escolhas do sistema (nesse particular, toca-se na questão pontual a respeito da teorização da LSF sobre o paradigma, o sistema das escolhas da linguagem).

Numa relação mais ampla, o contexto de situação (ou o contexto de produção imediato), na configuração de Gouveia (2009, p. 26), implica “quem diz o quê a quem”, ao passo que o contexto de cultura (ou contexto mais geral) implica entender “que tarefa está o texto a desempenhar na cultura”. Ambas as implicaturas contextuais são, de modo geral, essenciais ao entendimento do que é o texto no âmbito da LSF.

Para Cabral e Fuzer (2014, p. 27-8), o “contexto de situação é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando”, e “o contexto de cultura relaciona-se, assim, ao ambiente sociocultural mais amplo, que inclui ideologia, convenções sociais e instituições”. Dessa forma, as autoras optam por designar o contexto de situação como “micro-contexto” (o entorno mais imediato da configuração textual) e o contexto de cultura como “macrocontexto” (o entorno mais amplo em que os textos estão inseridos).

Tanto em Gouveia (2009) como em Cabral e Fuzer (2014), há um resgate acerca da delimitação dos contextos de situação e cultura a fim de que se estabeleçam os parâmetros para uma teorização mais ampla acerca dos gêneros textuais. Dessa forma, os autores convergem para a noção de que os gêneros textuais, em sua configuração, tendem a se enquadrar no contexto de situação, o que coloca a materialidade textual na linha teórica (a LSF) que concebe o contexto situacional e as suas respectivas variáveis: o campo, a relação e o modo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

De acordo com Gouveia (2009, p. 28), assim se concebem as variáveis do contexto de situação:

Tabela 1: Contexto de situação e suas variáveis.

Descrição	Variáveis	Metafunção
A ação social, o assunto sobre o que se fala, a natureza da ação.	Campo	Ideacional
A estrutura de papéis, as pessoas e suas relações na situação de comunicação.	Relações	Interpessoal
A organização simbólica, o canal (fala ou escrita) e o modo retórico da linguagem. ³⁵	Modo	Textual

Como salienta Gouveia (2009), a associação das variáveis do contexto de situação em relação às metafunções hallydayanas não é gratuita uma vez que:

[...] o campo, enquanto variável relativa à codificação da experiência, àquilo de que se fala, ao assunto do texto, determina grandemente os significados ideacionais que são expressos; a variável relações, codificadora de aspectos linguísticos relativos às pessoas envolvidas na comunicação e à relação existente entre elas, determina grandemente os significados interpessoais, e o modo, enquanto variável configuradora do modo como a linguagem funciona na interação verbal particular, isto é, se é escrita ou falada, se é argumentativa, descritiva, etc., determina grandemente os significados textuais. (GOUVEIA, 2009, p. 27)

Desse modo, a partir do contexto de situação e das suas variáveis, há a possibilidade de se criar uma certa linha de previsibilidade da constituição do texto a partir do seu contexto, e vice-versa. Nesse sentido, o entendimento dos parâmetros do contexto de situação instrumentaliza a análise dos mais diferentes gêneros textuais, na medida em que oferece as variáveis campo, relações e modo para a compreensão de como os textos são instanciados em microcontextos e em situações reais de uso.

Feita a distinção *sine qua non* a respeito de contexto de cultura e contexto de situação, a seguir, passa-se à discussão oportuna a respeito da Estrutura Potencial do Gênero (EPG). Como se pretende mostrar, a EPG lida diretamente com a configuração do contexto de situação, uma vez que utiliza as variáveis campo, relações e modo como parâmetros para o entendimento do que é gênero textual.

Vale ressaltar que a LSF dispõe de ramificações teóricas distintas a respeito do tratamento dos gêneros textuais (SILVA, 2018, p. 305-30).

³⁵ A tabela foi elaborada a partir do exemplo dado em Gouveia (2009, p. 28). Vale ressaltar que o texto foi adaptado ao português do Brasil.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Duas teorias paralelas a respeito da conceituação de gênero delimitam-se, a saber: a teoria da “pedagogia dos gêneros”³⁶ e a teoria da Estrutura Potencial do Gênero (EPG), sendo que a primeira dedica-se à imersão dos gêneros nos contextos de cultura, e a segunda investiga a configuração dos gêneros nos contextos de situação. Neste trabalho, delimita-se a abordagem a partir da segunda opção teórica.

4. Estrutura Potencial do Gênero (EPG)

Se na LSF a oração pode ser portadora da representação do mundo (metafunção ideacional), do sistema de troca (metafunção interpessoal) e da estruturação da mensagem (metafunção textual), conforme sugere Gouveia (2009, p. 37-38), a caracterização do texto está intimamente relacionada ao contexto de situação, como já se disse.

Nesse sentido, o contexto de situação abriga, em seus múltiplos desmembramentos teóricos, interfaces produtivas a respeito das concepções de gênero textual. Por ora, recorre-se à conceituação de gênero textual, neste trabalho, vinculada à Estrutura Potencial do Gênero (EPG), como um conceito extraído do trabalho de Hasan (1989) e retomado por Motta-Roth (2005).

Por meio da teoria da EPG, é possível caracterizar os gêneros uma vez que a recorrência de padrões textuais é representativa em contextos específicos da atividade humana de comunicação. Dessa forma, padrões textuais são mapeados por intermédio do contexto de situação, ao passo que os textos também oferecem pistas de como os contextos de situação se (re)configuram.

Motta-Roth (2005) assim sustenta:

Assim, enquanto o texto pode ser previsto a partir de pistas contextuais, o contexto é construído pelo conjunto de textos produzidos dentro de uma situação específica num contexto da cultura. A EPG se constitui, portanto, na expressão verbal de uma cc e, como tal, depende de determinado conjunto de valores associados a campo, relação e modo. (MOTTA-ROTH, 2005, p. 17)

Entendendo a “cc” como “configuração contextual” e adotando o trabalho de Hasan (1989) como parâmetro, Motta-Roth (2005, p. 17-18)

³⁶ Segundo Silva (2018, p. 312), na teoria da pedagogia de gêneros da Escola de Sydney, “gêneros são definidos como uma configuração recorrente de significados a qual representa as práticas sociais de uma dada cultura (MARTIN; ROSE, 2008)”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

utiliza um contexto de situação hipotético utilizado por aquela autora para dar visibilidade às variáveis do contexto de situação, a saber: a relação de compra e venda de frutas numa feira, caracterizada, portanto, no contexto de cultura (mais amplo) de prestação de serviço.

O processo interativo entre vendedor e comprador é retomado por Motta-Roth (2005, p. 18) que estabelece a noção de elementos textuais “obrigatórios” e “opcionais” da EPG. A capacidade de previsibilidade e de predição das estruturas retóricas recorrentes/constantes nos gêneros traz o conveniente de que sequências (marcas linguísticas) são mais frequentes em determinados gêneros textuais e não em outros.

Por meio dessas sequências, é possível caracterizar o gênero textual prestação de serviço, imerso portanto no contexto de situação de compra e venda numa feira, por exemplo. Motta-Roth (2005, p. 18) retoma o quadro síntese da teoria de Hasan (1989), em que as variáveis do contexto de situação (campo, relações e modo) enquadram essa atividade comunicativa entre vendedor e comprar numa situação real de uso da língua.

Tabela 2: Variáveis do contexto de situação para o gênero prestação de serviço³⁷.

Campo	Atividade social envolvida: transação econômica: compra de produtos a varejo; comida perecível.
Relações	Agentes da transação: hierárquica: freguês (superior) e vendedor (subordinado); distância social: quase máxima;
Modo	Papel da linguagem: auxiliar; canal: fônico; meio: falado com contato visual.

Por meio da análise da tabela 2, constituem-se os parâmetros que habilitam o texto oral da prestação de serviço como um gênero textual situado em condições de produção previstas nas três variáveis do contexto de situação. A autora oferece, ainda, outros exemplos de configuração das variáveis do contexto para gêneros como defesa de tese e resenha acadêmica, indiscutivelmente restritos ao contexto de cultura acadêmico, sendo que, nesse contexto, a linguagem empregada tende a ser mais formal.

Como as variáveis do contexto de situação estão intimamente relacionadas às metafunções da linguagem (HALLIDAY, 1976), será necessário neste momento o entendimento de como a oração é vista no sis-

³⁷ A tabela foi adaptada a partir do exemplo suscitado por Motta-Roth (2005, p. 18). Vale dizer que a divisão em colunas foi adotada neste trabalho com fins puramente distintivos das variáveis do contexto de situação.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tema de representação (metafunção ideacional), sistema de troca (metafunção interpessoal) e organização da mensagem (metafunção textual). Todas essas noções restringem a oração ao universo teórico da léxico-gramática (vista basicamente como a teoria da LSF que dá conta das escolhas e alternativas disponíveis no/pelo sistema).

Na ótica da léxico-gramática, a relação de compra e venda – materializada pelo gênero textual prestação de serviço – pode ser representada (metafunção ideacional) por meio de escolhas transitivas e processos que têm como veículo a própria seleção do verbo. Dessa forma, o comprador de determinado produto pode usar orações de processo relacional (As frutas estão boas hoje.), orações de processo material (Qual a melhor laranja para fazer suco?), orações de processo verbal (Me diz quanto custa isso?) etc.

O sistema de transitividade, portanto, é responsável pela representação oracional da experiência textual de compra e venda. Nesse sentido, o gênero prestação de serviço, possivelmente, terá como marcas verbais recorrentes processos que dizem respeito ao universo cultural de comprar e de vender.

Pelo sistema de trocas, ou sistema de interlocução entre vendedor e comprador (metafunção interpessoal), as marcas da léxico-gramática que mais sobressaem dizem respeito, por exemplo, ao sistema de modalidade (como os interlocutores se comprometem nos seus enunciados). Nesse sistema de trocas, muitos verbos como os modais são frequentes (Você poderia me dizer quanto custa...), o que revela uma certa dependência do sistema de transitividade com fins relacionados à comunicação com o outro.

Está na função interpessoal da linguagem a configuração dos papéis representados por cada um dos interlocutores (nesse caso, comprador e vendedor). Por meio do sistema de trocas, analisam-se “as maneiras pelas quais falantes e escritores estruturam orações para interagir uns com os outros” (CABRAL; FUZER, 2014, p. 103), de forma a se comprometer mais ou menos a depender do contexto de situação em que se encontram.

Na organização da mensagem, mais propriamente no âmbito da metafunção textual, entram em jogo noções como foco e proeminência na organização do conteúdo da mensagem. O falante/escritor tende a considerar estruturas de tema e rema de modo a focalizar o segmento da oração a partir da intencionalidade do dizer. Na situação de compra e

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

venda, por exemplo, o comprador pode não marcar o tema (A maçã não está boa.) assim como pode marcá-lo (Não está boa a maçã.).

Em linhas gerais, as noções de tema e rema dizem respeito à metafunção textual justamente pelo fato de que a organização da mensagem (e, portanto, a organização material dos gêneros textuais) está relacionada ao fator de textualidade, sem o qual os textos não teriam a forma que os particularizam em molduras comunicativas, ou seja, os gêneros textuais, imersos em contextos de situação.

Para Halliday (1976):

A forma particular assumida pelo sistema gramatical da linguagem está relacionada de perto com as necessidades sociais e pessoais que ela é chamada a atender. Mas, para pôr de manifesto esse fato, cumpre examinar, ao mesmo tempo, o sistema da linguagem e as suas funções [...]. (HALLIDAY, 1976, p. 135)

A seguir, busca-se caracterizar o gênero discurso de posse por meio das variáveis do contexto de situação. Um estudo focalizado acerca desse tipo de contexto, como se viu até aqui, pode oferecer pistas preciosas a respeito das metafunções ideacional, interpessoal e textual, além é claro, de oferecer pistas sobre a Estrutura Potencial do Gênero discurso de posse, que, numa análise inicial, situa-se no contexto de uso mais monitorado/planejado de linguagem.

5. Caracterização do gênero discurso de posse da ABL

O discurso de posse é um gênero textual pertencente aos contextos de cultura político e jurídico. Portanto, tem uma estrutura potencial, enquanto gênero, circunscrita ao uso de uma linguagem ultraformal/monitorada e, por vezes, relacionada ao aspecto da polidez excessiva e do uso da força retórica para organização do seu dizer.

Alguns estudos foram empreendidos em torno do gênero discurso de posse, entre eles, destacam-se a análise do discurso de posse da presidente Dilma Rousseff (HENRIQUES, 2011, p. 16-21) e a análise dos discursos de posse dos presidentes do Supremo Tribunal Federal (SILVA, 2011, 48-62). Esses estudos foram analisados de acordo com os pressupostos e as ferramentas teóricas das correntes que investigam o discurso, a saber: análise de cunho estilístico e teoria semiolinguística do discurso. Para este trabalho, utiliza-se a noção de Estrutura Potencial do Gênero

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

(EPG), como instrumental de análise proveniente da corrente sistêmico-funcional.

Segundo Silva (2011):

Há outras estratégias argumentativas que consideramos características dos discursos de posse: falar da “honra em assumir o cargo”; agradecer àqueles que o conduziram ao cargo; agradecer pela “confiança” depositada como também expressar a “confiança” em tempos melhores; prevenir sobre as “mudanças” que serão necessárias para que o mandato se cumpra de forma boa e eficiente; relacionar “fatos históricos” para também inserir-se na “história”; “reafirmar” os compromissos assumidos em campanha; referir-se à “proteção Divina”; agradecimentos em geral e final, entre tantas outras estratégias estão presentes nesse gênero discursivo [...]. (SILVA, 2011, p. 54)

Uma característica bastante peculiar do gênero discurso de posse é fato de ser planejado no âmbito da escrita. Alguns dos fatores que interferem nesse planejamento são: a organização do discurso para um público altamente qualificado (a plateia pode ter juristas e outras figuras importantes do cenário político); o uso da retórica para persuadir/convencer o público de que o eleito é qualificado (por isso, há muitas alusões a textos de natureza filosófica e literária, por exemplo).

O discurso de posse da Academia Brasileira de Letras (ABL)³⁸, assim como os discursos dos presidentes da República e os discursos dos presidentes do Supremo Tribunal Federal, cumpre seu papel retórico diante de um auditório. A caracterização desses discursos, portanto, sinaliza que há a transposição da língua escrita para a língua falada, uma vez que o discurso é escrito com antecedência e, depois, é lido para o público, geralmente organizado numa cerimônia (a cerimônia de posse).

Diferentemente dos outros discursos de posse, o discurso proferido na ABL tem um tom menos jurídico e político (o que não impede marcas de textos jurídicos em muitos discursos). Geralmente, os membros da ABL têm um compromisso com a comunidade, a saber: zelar pelo patrimônio literário nacional e divulgá-lo culturalmente para que haja uma contribuição intelectual a partir do que os seus membros produzem³⁹.

³⁸ Desde a sua fundação, em 20 de julho de 1897, tendo como primeiro presidente Machado de Assis, a ABL mantém a tradição dos discursos de posse.

³⁹ Vale destacar que a ABL não tem somente literatos/escritores como membros. Existem membros que são médicos, políticos, jornalistas etc.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em seu regimento interno, a ABL destaca algumas restrições para a incorporação dos novos membros e dos respectivos rituais internos:

O estatuto da Academia Brasileira de Letras estabelece que para alguém candidatar-se é preciso ser brasileiro nato e ter publicado, em qualquer gênero da literatura, obras de reconhecido mérito ou, fora desses gêneros, livros de valor literário. Seguindo o modelo da Academia Francesa, a ABL é constituída por 40 membros efetivos e perpétuos. Além deste quadro, existem 20 membros correspondentes estrangeiros.

Os imortais são escolhidos mediante eleição por escrutínio secreto. Quando um Acadêmico falece, a cadeira é declarada vaga na Sessão de Saudade, e a partir de então os interessados dispõem de 2 meses para se candidatarem, através de carta enviada ao Presidente. A eleição transcorre sessenta dias após a declaração da vaga.

A posse é marcada de comum acordo entre o novo Acadêmico e o escolhido para recepcioná-lo. De praxe, o vistoso fardão é oferecido pelo Governo do Estado natal do Acadêmico. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2021)

A análise do contexto de cultura da posse dos membros da ABL relaciona-se diretamente com o contexto de situação e suas variáveis. Por conseguinte, pode-se estabelecer a tabela 3, a respeito das variáveis do contexto de situação:

Tabela 3: Variáveis do contexto de situação do gênero discurso de posse da ABL.

Campo	Atividade social envolvida: agradecimento pela eleição entre os membros da ABL; firmamento de compromissos em relação à cadeira ocupada; demonstração do próprio percurso de vida para habilitação de membro.
Relações	Sujeitos envolvidos: há o membro eleito que discursa e há os membros (eleitores) que prestigiam o discurso. Há uma relação de ultraformalidade entre os membros, já que o ambiente erudito exige menos intimidade.
Modo	Estruturação da mensagem: o discurso é escrito e, depois, é compartilhado oralmente (o membro lê o discurso); o discurso é estruturado com marcas de polidez discursiva.

Valendo-se da polidez discursiva, o que inclui o uso de marcas arcaicas de linguagem, de pronomes de tratamento formais e formas do superlativo (sapiantíssimo, eminentíssimo etc.), os discursos de posse da ABL são, como todo discurso de posse, esperados com certa expectativa pelo público ouvinte (vale lembrar que se trata de um público restrito, ou seja, apenas os membros da ABL, já que o público não é convocado para a escolha dos membros, como ocorre no pleito para eleição de um presidente da república, por exemplo).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para ilustrar a (re)incidência das variáveis do contexto de situação e, por conseguinte, a manifestação das metafunções da linguagem (HALLIDAY, 1976), analisam-se trechos de um dos mais recentes discursos de posse proferido na ABL. A análise não tem a pretensão de se aprofundar nos subsistemas inerentes a cada metafunção da linguagem⁴⁰.

Na tabela 4, utilizam-se os trechos mais representativos de cada variável:

Tabela 4: Trechos representativos para as variáveis do contexto de situação e para EPG do gênero discurso de posse⁴¹.

Configuração Contextual	Estrutura Potencial do Gênero
<p>Campo: “Acima de tudo, <u>agradeço</u> esse dia tão feliz à Academia Brasileira de Letras e a seus ilustres membros que, sem exceção, <u>admiro</u> e respeito tanto. <u>Farei</u> o que puder para estar à altura da escolha que as senhoras e os senhores <u>fizeram</u>, ao <u>me conceder</u> essa muito subida honra.” “Não <u>preciso explicar</u> portanto o que <u>significa</u>, para mim, <u>ocupar</u> a cadeira que foi de Nelson Pereira dos Santos.” “Mas cada vez que penso no pouco que sei, não posso deixar de <u>agradecer</u> ao doutor Manoel Diégues Júnior e a seu jeito habilidoso de me fazer aprender.” “<u>Devo</u> muito do que sou ao exemplo de meus irmãos (...)” “<u>Devo</u> igualmente a meus quatro filhos (...)” “E <u>devo</u> ainda aos netos que meus filhos me deram (...)” “Acima de tudo, <u>agradeço</u> esse dia tão feliz à Academia Brasileira de Letras e a seus ilustres membros (...)” “Depois de 38 anos juntos, só <u>penso em dizer</u> a mesma coisa a Renata, em nossos recomeços cotidianos.”</p> <p>Relações: “Confesso que meu desejo seria o de, depois</p>	<p>Movimento 1: apresentar o discurso Passo 1: descrever o processo de elaboração do discurso Passo 2: manifestar as emoções pela conquista Passo 3: mencionar ocupantes anteriores da cadeira a ser ocupada</p> <p>Movimento 2: descrever a própria trajetória Passo 4: elencar fatos que revelam como o novo imortal chegou à ABL Passo 5: demonstrar erudição acerca de obras e figuras relevantes na sua área de atuação.</p> <p>Movimento 3: agradecer aos presentes Passo 6: nomear amigos, familiares, profissionais de renome e instituições que contribuíram para a trajetória.</p> <p>Passo 7: identificar a contribuição de cada um na sua trajetória.</p>

⁴⁰ A análise ora empreendida insere-se no corpo da pesquisa mais específica do Doutorando Felipe de Andrade Constancio para a construção de sua tese. Em seu trabalho, está prevista a análise dos discursos de posse proferidos entre os anos 1990 e 2020.

⁴¹ O discurso de posse analisado é do cineasta Carlos Diegues, que tomou posse na ABL em 2019. O discurso de posse está disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/carlos-diegues/discurso-de-posse>.

<p>da citação, me quedar chorando alto de felicidade, e assim encerrar a cerimônia. Mas <u>não se preocupem</u>, não tenho o direito de fazer isso, não vou estragar a festa. Devo, ao contrário, permanecer firme e tentar explicar, <u>às senhoras e aos senhores</u>, o que representa para mim chegar até aqui.”</p> <p>“Vejo, nesta sala, <u>alguns amigos queridos, além das companheiras e dos companheiros da Academia</u>.”</p> <p>“Muito obrigado <u>às senhoras e aos senhores</u>.”</p> <p>Modo:</p> <p>“Ao longo do tempo, <u>tentei escrever</u> sobre várias coisas para começar <u>esse meu discurso de posse</u>. Mas, ocupando a gloriosa cadeira número 7 da egrégia Academia Brasileira de Letras, não consigo iniciá-lo sem lembrar o lugar comum da <u>citação</u> mais conhecida de nosso fundador, o grande Machado de Assis: ‘essa é a glória que fica, eleva, honra e consola’.”</p>	
---	--

Como se pode notar, na variável campo, o membro que discursa precisa cumprir certos rituais do discurso de posse (“agradeço”, “admiro”, “farei”, “devo”). Dessa forma, precisa ratificar ao público presente que assume certos compromissos em relação à sua candidatura na ABL e que pretende, portanto, cumprir esses compromissos de modo a honrar a cadeira para a qual foi eleito (no caso de Carlos Diegues, a cadeira assumida tem um histórico de ocupantes vinculados à cultura do cinema brasileiro).

Na variável relações, ele vale-se de marcas para se dirigir aos interlocutores (“senhoras” e “senhores”), além de oferecer certas justificativas para as escolhas do discurso. Cabe ressaltar, ainda, que Carlos Diegues, em vários momentos, dirige-se aos presentes na sala, o que engloba um público não só de acadêmicos com também de amigos próximos e familiares (esposa, filhos e netos).

Na variável campo, recorta-se da fala do acadêmico o seu processo de escrita (“tentei escrever”; “citação”). É importante sinalizar que o processo de escrita é mencionado como um fator preponderante, uma vez que essa escrita é âncora para o preparo que o eleito demonstra diante do público que o ouve (o discurso é transposto da escrita para a fala) e que

assume relevância para o ato de discursar (o público cria a expectativa para o proferimento do discurso).

6. Considerações finais

É inegável a relevância do construto teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) para o entendimento de que a linguagem é, antes de mais nada, um potente instrumental para as nossas escolhas (HALLIDAY, 1976, p. 135). Por meio da linguagem, portanto, manifestam-se conteúdos que são tomados ou renunciados para a veiculação de significados envolvidos no ato comunicativo.

O aporte teórico da Estrutura Potencial dos Gêneros (EPG) torna-se também um valioso instrumental para o entendimento de que existem estruturas previsíveis na organização dos gêneros textuais. Aliada às variáveis do contexto de situação (campo, relações e modo), a EPG determina quais itens lexicais e itens sintagmáticos configuram determinados gêneros, de modo a tornar previsíveis estruturas recorrentes.

Dessa forma, a variável campo sinalizou que o discurso de posse dispõe de escolhas linguísticas mais voltadas para o processo de agradecimento, já que o orador do discurso tende a externar o seu agradecimento perante o público que o elegeu (neste caso, os seus pares de Academia). De igual modo, o compromisso pela posse na cadeira da ABL é externado, e o orador garante o seu compromisso por meio de formas verbais, como o verbo “fazer”.

No âmbito da variável relações, o discurso de posse oferece-nos escolhas de interlocução (nesse caso, entre o orador e os outros membros que o ouvem numa sessão solene de posse). Manifestam-se, dessa forma, escolhas por formas de tratamento menos íntimas (“senhoras” e “senhores”). Para essa variável, há muitas escolhas para formas de tratamento, já que os discursos de posse da ABL oferecem matizes diversificados de tratamento formal entre seus membros.

Para a variável modo, existem alguns fatores notáveis em relação à organização da mensagem. Nos discursos de posse da ABL, opta-se pelo planejamento do texto escrito que, posteriormente, é lido pelo orador, o que sinaliza a transposição da escrita para a fala e evidencia o fato de que textos orais são oriundos da escrita e vice-versa. Sem sombra de dúvida, o monitoramento de linguagem notado nos discursos de posse da ABL relaciona-se diretamente com os interlocutores que acompanham o

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

discurso (aqui, faz-se alusão ao contexto de cultura: os interlocutores constituem uma plateia de médicos, juristas, escritores renomados e premiados etc.).

No âmbito da EPG, o gênero discurso de posse é caracterizado, por conseguinte, por meio de sua estrutura que tende a manifestar variáveis relacionadas à polidez discursiva, uma vez que, nos discursos de posse, existem escolhas que estão associadas ao uso de uma linguagem ultraformal.

Em linhas gerais, uma análise que dê conta dos contextos de cultura e de situação, nos quais está contido o gênero discurso de posse, não pode prescindir do fato de que existem variáveis (caracterizadoras das metafunções) que ajudam no processo de reconhecimento de estruturas (forma) necessárias à organização retórica (conteúdo) do gênero discurso de posse da Academia Brasileira de Letras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/membros>. Acesso em: 17/03/2021.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/carlos-diegues/discurso-de-posse>. Acesso em: 17/03/2021.

CABRAL, Sara Regina Scotta; FUZER, Cristiane. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

CLORAN, C. Socio-Semantic Variation: Different wordings, Different Meanings. In: UNSWORTH, L. (Org.). *Researching Language in Schools and Communities*. London; Washington: Cassel, 2000.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, v. 16, n. 24, p. 13-47, Rio de Janeiro, jan./jun. 2009.

HALLIDAY, Michael A. K. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, John (Org.). *Novos horizontes em linguística*. Trad. de Jesus Antônio Durigan. São Paulo: Cultrix, 1976.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HASAN, Ruqaya. Part B. In: HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaya. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, Ruqaya. What's going on: a dynamic view of context in language. In: CLORAN, C.; BUTT, D.; WILLIAMS, G. (Orgs). *Ways of saying, ways of meaning*. Selected Papers of Ruqaya Hasan, 1996.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MOTTA-ROTH, Désirée; HEBERLE, V. M. O conceito de Estrutura Potencial do Gênero da Ruqaya Hasan. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, Claudia Maria Gil. Discursos de posse dos presidentes do Supremo Tribunal Federal: Brasil, capital Brasília: uma das faces do ethos do poder judiciário. Tese de Doutorado em Letras. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Edna Cristina Muniz da. Gêneros na teoria sistêmico-funcional. *Delta*, v. 34.1, p. 305-30, 2018.